

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA
APRESENTA

Sala Cecília Meireles Lapa Rio de Janeiro
23 de outubro a 1 de novembro
2009

XVIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente da República
José de Alencar

Ministro da Cultura
Juca Ferreira

Presidente da Fundação Nacional de Artes / Funarte
Sérgio Mamberti

Diretora Executiva
Myriam Lewin

Diretor do Centro da Música
Cacá Machado

Coordenador de Música Erudita
Flavio Silva

Coordenadoria de Comunicação
Oswaldo Carvalho

Governador do Estado do Rio de Janeiro
Sérgio Cabral

Vice-Governador
Luiz Fernando Pezão

Secretária de Estado de Cultura
Adriana Scorzelli Rattes

Subsecretário de Estado de Cultura
Carlos Eduardo Guimarães

Presidente da Funarj
Emanuel de Melo Vieira

Diretor da Sala Cecília Meireles
João Guilherme Ripper

Chefe da Divisão Artística
Mônica Diniz

XVIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALA CECÍLIA MEIRELES

23 DE OUTUBRO A 01 DE NOVEMBRO DE 2009

Patrocínio

Ministério da Cultura

Realização

Fundação Nacional de Artes / Funarte

Apoios

Secretaria de Estado de Cultura / Rio de Janeiro

Sala Cecilia Meireles / Funarj

Orquestra Sinfônica Nacional / Universidade Federal Fluminense

Escola de Música / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Academia Brasileira de Música

Curadoria

Flavio Silva
Maria José de Queiroz Ferreira

Comissão de seleção

Erick Magalhães de Vasconcelos
Isaac Chueke
Lutero Rodrigues
Norton Morozowicz
Rodolfo Caesar
Ronaldo Miranda
Vânia Dantas Leite

Coordenadores de programação

Aloysio Fagerlande
Ana Leticia Barros
José Augusto Mannis
Mariana Salles
Rodolfo Caesar

Produção executiva

Wagner Valim Filho

Equipe de produção

Cristina Arruda
Elizabeth Lima da Silva
Fernando Maia
Isa Angélica Cezar Viana
Rosana Lemos Loureiro

Equipe de apoio

José Carlos da Silva Martins
José Paulo de Rezende
Luis Carlos Silva

Programação visual

Fernanda Lemos
Paula Nogueira

A Funarte orgulha-se de realizar a XVIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, que vem ocorrendo regularmente desde 1975, numa rara trajetória de permanência. Essa continuidade não se apoia em nenhuma legislação que obrigue a sua realização, mas tão somente na importância que as Bienais assumiram, ao longo dos anos, como momento de encontro das mais variadas tendências musicais. Cada uma delas expressa, nas suas especificidades, as diversas maneiras de ser brasileiro e de estar, ao mesmo tempo, sintonizado com as inovações musicais que transcorrem em outros países.

Felizmente, parecem estar superadas as oposições esquemáticas entre nacionalismos e internacionalismos, que, durante demasiado tempo, ocuparam lugar de destaque no imaginário de tantos músicos, libertando-se de dogmatismos que só conduziram a impasses esterilizantes. Acreditamos que a atmosfera libertária que as Bienais respiram, tanto refletem essa evolução, como para ela contribuíram decisivamente, na medida em que evidenciaram a variedade de caminhos possíveis de serem trilhados e experimentados.

Repetimos, na edição deste ano, uma prática inaugurada na XVI Bienal, de confiar à Comissão de Seleção a premiação de obras de quatro compositores com participação mínima, ou nula, em Bienais anteriores. Foi particularmente gratificante constatar que valores pouco reconhecidos se aventuraram pela difícil seara da música de concerto, sobretudo se considerarmos que essa premiação não era obrigatória.

Também merecem destaque os dez compositores cujas propostas foram selecionadas em concurso realizado no ano passado, e que reúnem, tanto nomes consagrados, como artistas emergentes.

Cabe ainda o agradecimento aos demais compositores que, generosamente, propuseram obras para apresentação, e aos intérpretes que, Bienal após Bienal, têm contribuído, com seu esforço, para que essas obras sejam apresentadas com o brilho que merecem.

Sérgio Mamberti
Presidente da Funarte

Sala Cecília Meireles 23 de outubro de 2009
sexta-feira, 20h

I

Felipe Kirst Adami *Pontos de bifurcação* (segundo movimento da
Sinfonia sistêmica (2009) ***

José Orlando Alves *Intervenções II e III* (2009) ***

Jorge Antunes *O massapê vivo* (2009) ***

II

Marcus Siqueira *Colapsos* (2009) ***

Quarteto Radamés Gnattali
violinos Carla Rincón e Vinícius Amaral,
viola Fernando Thebaldi,
violoncelo Paulo Santoro

Eli-Eri Moura *Uiramiri – Quatro Cenas Orquestrais* (2009) ***

1 – Floresta

2 – Fogo

3 – Espíritos

4 – Fênix

Orquestra Sinfônica Nacional

regente Lutero Rodrigues

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

As obras nesse programa foram compostas em decorrência da
Bolsa Funarte de Estimulo à Criação Artística, concedida aos compositores em 2008

Sala Cecília Meireles 24 de outubro de 2009

sábado, 20h

I

Paulo Dantas *Contos inacabados* (2008) ***
clarineta José Batista Jr., fagote Márcio Zen, piano Marina Spoladore,
percussão Leo Souza, difusão Marcos Campello, regente Paulo Dantas

Vinicius Giusti *Que som é esse?* (2009) ***
difusão Rodolfo Caesar

Daniel Puig *Ecolocação* (2009) ***
canto Gabriela Geluda, difusão Daniel Puig

Januíbe Tejera *Outra hipótese para o fim de Jacques,
o fatalista* (2009) **
violoncelo Hugo Pilger, difusão Daniel Puig

Alexandre Sanches *Density* (2008) *
difusão Alexandre Sanches

II

Fernando Iazzetta *Five places to remember* (2008) ***
difusão Fernando Iazzetta

Aurélio Edler Copes *Cantiga* (2006) **
acordeões Francisco Pellegrini e Marcelo Caldi, difusão José Augusto Mannis

Washington Denuzzo *A imagem e o reino* (2008) *
difusão Washington Denuzzo

Arthur Kampela *Happy days* (2007) **
flauta Andrea Ernest, difusão José Augusto Mannis

Marcelo Ohara *Prato único* (2007) **
difusão Marcelo Ohara

Daniel Barreiro *Open field* (2006) ***
violino Mariana Salles, difusão Daniel Barreiro

coordenação: José Augusto Mannis, Rodolfo Caesar

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

A obra de Alexandre Sanches foi uma das quatro contempladas com o *Prêmio Funarte/Bienal XVIII*, no valor de R\$ 6.000,00, concedido pela Comissão de Seleção a compositores que participaram de no máximo duas, ou de nenhuma Bienal.

O compositor Marcelo Ohara, residindo em Genebra, participa desse concerto graças ao apoio da Association pour la Musique Electroacoustique de Genève, que lhe concedeu as passagens Genebra/Rio de Janeiro/Genebra.

A obra de Paulo Dantas foi executada em recital de maestrado; essa é a primeira execução pública.

Sala Cecília Meireles 25 de outubro de 2009

domingo, 20h

I

- Flávio Santos Pereira *Três canções*
*sobre textos de Fernando Pessoa (2008) **
Dorme enquanto eu velo...
Dorme, que a vida é nada!
Dorme sobre o meu seio
soprano Maíra Lautert, piano Priscila Bomfim
- Antonio Ribeiro *Remansos* (texto: Garcia Lorca; 2006) *
Remansos
Remansillos
Variación
Canción final
contralto Carolina Faria, piano Priscila Bomfim
- Clayton Mamedes *Paisagem bucólica ou jogo*
*das longas variações (2009) ****
- flauta Andréa Ernest, oboé Janaína Peroto, violino Vinícius Amaral, viola Sávio Santoro,
violoncelo Paulo Santoro, percussão Eduardo Tullio, regente Roberto Victorio
- Roberto Victorio *Tetragrammaton XI – Concerto para*
*violão e grupo de percussão (2009) ****
violão Paulo Pedrassoli; percussões: Karla Bach, Eduardo Tullio, Henrique Medeiros,
Rodrigo Foti, Leonardo Sousa, Lourenço Vasconcelos, regente Roberto Victorio

II

- Mário Ferraro *Yu (2008) ***
flauta Andrea Ernest, fagote Ariane Petri, trompa Antônio Augusto,
harpa Wanda Eichbauer, contrabaixo Sandrino Santoro, piano Nadje Breide
- Heitor Oliveira *Aperitivos*
I – me debrucei nos galhos
II – pela fluidez
III – ao jovem moço
Espaços preenchidos de vazio (2009)
*(duas partes da Suíte Contraponto de Encontro; 2009) ****
voz Veruschka Mainhard, flauta Andrea Ernest, clarineta Márcio Costa, trompete Nilson Coelho,
saxofone Marco Túlio, trombone Elber Ramos, violão Arthur Gouvêa, violão 7 cordas Adriano
Furtado, piano Nadje Breide, percussão Rodrigo Foti
- Sérgio Kafajian *Paranambucæ (2009) ****
I – Espaço
II – Frequência
III – Duração
flauta Andrea Ernest, clarineta Márcio Costa, trompete Nilson Coelho, trombone Elber Ramos,
trombone baixo Gilberto Oliveira, violino Vinícius Amaral, violoncelo Diana Lacerda,
piano Nadje Breide, percussão Rodrigo Foti
- regente Roberto Victorio

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

As obras de Heitor Oliveira, Roberto Victorio e Sérgio Kafajian foram compostas em decorrência da *Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística*, concedida, mediante concurso, em 2008.

A obra de Clayton Mamedes foi uma das quatro contempladas com o *Prêmio Funarte/Bienal XVIII*, no valor de R\$ 6.000,00, concedido pela Comissão de Seleção a compositores que participaram de no máximo duas, ou de nenhuma Bienal.

Sala Cecília Meireles 26 de outubro de 2009
segunda-feira, 20h

I

- Ernst Mahle *Abertura festiva* (2008) *
- Valéria Bonafé *Lagoa* (2008) *
- Rafael Bezerra *Suíte orquestral*

II

- Arthur Rinaldi *Obsessione* (2005) ***
viola Sávio Santoro
- Pedro Augusto Dias *Movimento concertante* (2009) ***
clarineta solo Cristiano Alves
- Joélio Luiz Santos *Casa..., magia..., palhaço enfeitado* (2008) ***
- Ricardo Tacuchian *Filho da floresta* (texto: Thiago de Mello; 2007) ***
soprano Veruschka Mainhard

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro

regente Ernani Aguiar

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

A obra de Joélio Luiz Santos foi uma das quatro contempladas com o *Prêmio Funarte/Bienal XVIII*, no valor de R\$ 6.000,00, concedido pela Comissão de Seleção a compositores que participaram de no máximo duas, ou de nenhuma Bienal.

Sala Cecília Meireles 27 de outubro de 2009 terça-feira, 20h

I

Pablo Aldunate *Enigma* (2009) ***
violino Mariana Salles, percussão Leo Souza

Valério Fiel da Costa *Viagem ao oco das coisas* (2005) ***
violão Marcos Campello, tuba Eliezer Rodrigues,
piano preparado Cláudia Castelo Branco, percussão Ana Letícia Barros

Tania Lanfer Marquez *Lai de bisclavret* (2008) **
saxofone Paulo Passos, percussão Joaquim Abreu

Celso Mojola *Calíope* (2005) ***
flautim Sofia Ceccato, trompete Nailson Simões, trombone Jacques Ghestem,
piano Marcelo Thys, percussão Pedro Sá

Edson Zampronha *Ciaccona* (2007) *
piano Kátia Baloussier, percussões Paraguassu Abrahão

Daniel Serale *Falsas ilusiones* (2005) *
percussão Daniel Serale

Luiz Carlos Csekö *Vermelho escuro 2* (2008) *
clarone baixo Paulo Passos, voz/marimba Joaquim Abreu

II

Nikolai Brucher *Mitos* (2009) **
saxofone Marco Tulio, percussão Henrique Medeiros

Guilherme Bertissolo *Exceto* (2008) ***
piano Marina Spoladore, percussões Karla Bach e Paraguassu Abrahão

Neder Nassaro *Circuito* (2008) *
clarineta Paulo Passos, percussão Joaquim Abreu

Natan Ourives *Do éter ao carbono* (2009) ***
clarineta Thiago Tavares, violoncelos Paulo Santoro e Ricardo Santoro,
piano Marina Spoladore, percussões Paraguassu Abrahão e Philippe Davis

Rodrigo Lima *Gestuelle* (2007) **
violino Vinícius Amaral, violoncelo Diana Lacerda, clarineta Marcio Costa,
trompete Nailson Simões, piano Marina Spoladore, percussão Eduardo Tullio,
regente Roberto Victório

coordenação: Ana Letícia Barros

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

Sala Cecília Meireles 28 de outubro de 2009

quarta-feira, 20h

I

Cristiano Melli *7 peças Kurtags* (2008) ***
violino Mariana Salles, piano Maria Teresa Madeira

Tatiana Catanzaro *Traces fouillis gris pâle presque blanc sur blanc*
(2007) *

Liduíno Pitombeira *Amadeus* (2006) **
violino Adonhiran Reis, viola Gabriel Marin, violoncelo Martina Stroher

Eduardo Guimarães Álvares *Três canções infantis sobre
poemas de Bertolt Brecht*
(tradução: Paulo Cesar de Souza; 2006) *
O alfaiate de Ulm
O menino que não queria tomar banho
A ameixeira
soprano Doriana Mendes, piano Maria Teresa Madeira

Rogério Costa *Teias* (2009) ***
clarineta Marcos dos Passos, trombone João Luis Areias,
contrabaixo Alexandre Brasil, piano Marisa Rezende

II

Danilo Machado *Salmo 23* (2009) ***
tenores Ricardo Tuttmann e Marcelo Coutinho,
baixos Luiz Kleber Queiroz e Jorge Inácio Mathias

Tim Rescala *Quarteto circular* (2007)

Ronaldo Miranda *Texturas* (2006)

Quarteto Radamés Gnattali
violinos Carla Rincón e Vinicius Amaral
viola Fernando Thebaldi, violoncelo Paulo Santoro

Maurício Dottori *Elegias* (texto: Lucia Aizim; 2007) *
soprano Doriana Mendes, flauta Maria Carolina Cavalcanti,
viola Marcio Sanches, contrabaixo Rodrigo Favaro, clarineta Paulo Passos

Sala Cecília Meireles 29 de outubro de 2009
quinta-feira, 20h

I

Alfredo de Barros *Reflected sight* (2007) **
I – *A lost sight – Prelude*
II – *Contemplation*
III – *Meditation “ Postlude*
flauta Andrea Ernest, piano Tatiana Dumas

Calimério Soares *Toada* (2006) *
violoncelo Mateus Ceccato, piano Katia Baloussier

Yuri Prado *Cinco peças carnavalescas* (2008) *
flauta Antonio Carlos Carrasqueira, clarineta Paulo Sérgio Santos,
fagote Aloysio Fagerlande

Harry Crowl *“ Sapo não pula por boniteza,
mas sim por percisão”* (2008) *
flauta Antonio Carlos Carrasqueira, clarineta Paulo Sérgio Santos,
oboé Luiz Carlos Justi

Thiago Sias *Quinteto de sopros* (2007)
Quinteto Villa-Lobos
flauta Antonio Carlos Carrasqueira, clarineta Paulo Sérgio Santos,
oboé Luiz Carlos Justi, fagote Aloysio Fagerlande, trompa Philip Doyle

Marcos Nogueira *Aije* (2008) *
saxofones Marco Túlio, Júlio Merlino, Fernando Trocado,
Luís Medina, Paulo Passos, Vitor Medeiros

II

Paulo de Tarso Salles *Leibniz* (das *Quatro Canções-Fragmento*;
texto do compositor; 2006) ***

Paulo Guicheney *Três cantos para espaços vazios*
(texto do compositor; 2008) ***
soprano Doriana Mendes, piano José Wellington

Paulo C. Chagas *Canções dos olhos*
(texto do compositor; 2009) **
soprano Doriana Mendes, violoncelo Marcus Ribeiro,
piano José Wellington

Almeida Prado *14 miniaturas para piano* (2005-2008) ***
piano Benjamin da Cunha Neto

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

Sala Cecília Meireles 30 de outubro de 2009
sexta-feira, 20h

I

Alexandre Schubert *Cidade de Minas* (2006) ***

Diogo Ahmed *Arpoador* (2008) ***

Edino Krieger *Pequeno concerto para violino e cordas*
(2008) ***

violino solo Daniel Guedes

II

Marcelo Rauta *Sinfonietta n° 2* (2006) *

Rodrigo Garcia *Sem amor, por amor* (2005) *

Marco Feitosa *Ave Maria* (2009) ***

Guilherme Barroso *Cantiga* (texto: Manuel Bandeira; 2007) ***

João Guilherme Ripper *Magnificat*

soprano Livia Dias, contralto Luciana Costa e Silva,
barítono Inácio de Nonno

Brasil Ensemble – UFRJ, regente Maria José Chevitarese

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(naípe de cordas)

regente André Cardoso

Sala Cecília Meireles 31 de outubro de 2009
sábado, 16h

I

Maurício De Bonis *Carta a uma jovem víbora* (2009) ***
canto Caroline De Comi, violão Maria Haro, piano Mauricio De Bonis

Aluisio Didier *Metafonia* (2009) ***
violoncelo Antonio del Claro, piano Maria Teresa Madeira

Ricardo Szpilman *Concertino* (2006)
harmônica José Staneck, piano Kátia Baloussier

Rodolfo Coelho de Souza *Em verde e amarelo* (2006) *

Murillo Santos *Homenagem a Villa-Lobos* (2009) ***
Canto da saudade (in memorian)
Tempo de marcha
piano a 4 mãos: Josiane Kevorkian e Patrícia Bretas

Silvio Ferraz *Passo de Manoel Dias* (2008) ***
violinos Ricardo Amado e Adonhiran Reis, viola Gabriel Marin,
violoncelo Ricardo Santoro, piano Kátia Baloussier

II

Marisa Rezende *Preludiando*
violoncelo Antonio del Claro

Caio Senna *Das várias maneiras de se estar só* (2008)

André Martins *Referências* (2009) ***
clarinetas: Thiago Tavares, Walter Jr., Marcelo Ferreira, Ricardo Ferreira

Salomão Habib *Ritual sinfônico* (2009) ***
violões: Paulo Pedrassolli, Artur Gouvêa, Adriano Furtado, Gaetano Galifi

Zoltan Paulinyi *Toada* (2006) *
viola pomposa Zoltan Paulinyi

Guilherme Bauer *Duas peças para clarineta solo* (2008-2009) ***
Introdução
Gradações
clarineta Cristiano Alves

André Vidal *Narciso y Adonis convertidos en flores*
(texto: Manuel Botelho de Oliveira; 2007) ***
soprano Veruschka Mainhard, flauta Laura Ronai,
clarineta Cristiano Alves, viola Fernando Thebaldi, violoncelo Paulo Santoro

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

A obra de Salomão Habib foi composta em decorrência da *Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística*,
concedida, mediante concurso, em 2008.

Sala Cecília Meireles 31 de outubro de 2009

sábado, 20h

I

Silvia de Lucca *Villalobiando* (2006) ***
violino Ricardo Amado, viola Gabriel Marin
violoncelo Ricardo Santoro, violão Maria Haro

Alexandre Lunsqui *Deflectere I* (2008) ***
violino Ricardo Amado, clarineta Thiago Tavares

Carlos Almada *Nove estudos seriais para violão* (2005) ***
violão Maria Haro

Marcos Lozano *Quarteto* (2008) ***
clarinetas Thiago Tavares, Walter Jr., Marcelo Ferreira, Ricardo Ferreira

Rodrigo Marconi *Rituais e máscaras* (2009) ***
violoncelo Marcus Ribeiro, piano Luiz Henrique Senise

Marcelo Carneiro *Duo em 5* (2008)
violoncelo Lars Hoefs, piano Luciano Magalhães

II

Bruno Ruviano *Biologie littorale des mers tempérées* (2008) **
violoncelo Diana Lacerda

Jean-Pierre Caron *Poslúdio* (2009) ***
guitarra Marcos Campello, piano preparado Cláudia Castelo Branco

Gustavo Penha *Caminhos, passagens e saídas* (2008) *

Renato Vasconcelos *Dois fragmentos* (2004) *
violino Ricardo Amado, violoncelo Ricardo Santoro, piano Kátia Baloussier

Marcos Lucas *Gnusianas* (2009)
flauta Maria Carolina Cavalcanti, clarineta Vicente Alexim, piano Pablo Panaro

Luciano Leite Barbosa *Cinerário* (2008)
flauta Márcio Angelotti, clarineta Vicente Alexim,
piano Pablo Panaro, violão Gabriel Lucena

Sala Cecília Meireles 01 de novembro de 2009 domingo, 16 h

I

Raul do Valle *Dualidade* (2009) ***
piano a 4 mãos: Maria Helena Andrade e Sonia Maria Vieira

Ernesto Hartmann *5 canções de Ernesto Pachito* (2009) ***
soprano Luciana Costa e Silva, piano Ronal Silveira

Mario Ficarelli *Sonata "Fantasia"* (2008) ***
violoncelo Lars Hoefs, piano Luciano Magalhães

Maria Helena Rosas Fernandes *Vales*
piano Ruth Serrão

II

Luis Passos *Feixe de luz, desolado e turvo,
no anoitecer* (2005) *
clarineta Vicente Alexim

Cyro Delvizio *Adejo* (2008)
violoncelo Paulo Santoro

João Svidzinski *Ode à Blumine* (2009) ***

Paulo Rios Filho *O enigmático gato de rimas* (2009) ***
Quarteto Uirapuru
violinos Fernando Pereira e Dhyán Toffolo,
viola Diemerson Sena, violoncelo Cláudia Grosso,
contrabaixo Larissa Coutrim, clarineta Marcos Passos

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

A obra de Paulo Rios Filho foi uma das quatro contempladas com o *Prêmio Funarte/Bienal XVIII*, no valor de R\$ 6.000,00, concedido pela Comissão de Seleção a compositores que participaram de no máximo duas, ou de nenhuma Bienal.

Sala Cecília Meireles 01 de novembro de 2009
domingo, 20h

I

Ticiano Rocha *Sons voláteis* (2005) ***
piano Ingrid Barancoski

Paulo Raposo *Concerto* (2005) ***
(em quatro movimentos)
piano solo Ingrid Barancoski

Bruno Ângelo *Eternidade à deriva* (2008) ***

Dimitri Cervo *Série Brasil 2010 n° 2 – Concerto para violão
e orquestra de câmara, op. 31* (2009) ***
violão solo Paulo Pedrassoli

Alexandre Espinheira *Meta: 1, alvo, mira* (2008) ***

Vicente Alexim *Concerto de câmara* (2008) ***
Tenso e misterioso
Lento e nostálgico
Com violência
clarineta solo Vicente Alexim

Armando Lobo *Estudo alquímico* (2008) ***

Orquestra de Câmara da Bienal

regente Roberto Duarte

coordenação: Aloysio Fagerlande, Mariana Salles

* estreia no Rio de Janeiro

** estreia no Brasil

*** estreia mundial

A obra de Dimitri Cervo foi composta em decorrência da *Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística*,
concedida, mediante concurso, em 2008.

ORQUESTRA SINFÔNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

regentes André Cardoso e Ernani Aguiar

violinos I Felipe Prazeres, Priscila Plata Rato, Inah Kurrels Pena, Taís Chagas Soares, Her Agapito, Angélica Alves, Daniel Andrade, Sonia Katz, Vitor Barbosa Finco, Thamyris do Nascimento, Fernando Matta de Campos, Moizés Mozza
violinos II Carlos André Weidt Meindes, Luiz Felipe Santos Ferreira, Marcos Rodrigues, Sabrina de Oliveira Melo, André Bukovitz, Vilma Cristiane de Andrade, Nataly López, Renata Carris de Almeida, Rudá Fonseca Vieira, Bruno Passaroto de Menezes, Alexei Henriques, Marília Aguiar
violas Diego Pereira da Silva, Priscila Honório, Cecília Mendes, Thaís Mendes, Renata Baptista Seabra, Carlos Eduardo Santos, Kelly Davis, Francisco Pestana, Helena Pereira
violoncelos Ricardo Santoro, Aleska Henriques, Paulo Santoro, Flávia Chagas Soares, Marzia Miglietta, Daniel da Silva
contrabaixos Ricardo França, Saulo Bezerra, Tarcísio Silva, Voila Marques
flautas Paula Martins, Cássio Henry, Milher de Oliveira
oboés Ximena Viera, Pierre Descaves, Hilton Caetano
clarinetas Bezaleel Ferreira, Diogo Lozza
fagotes Mateus Moreira, Carlos Henrique Bertão
trompas Alessandro Jeremias, Genilson Marques, Flávio Brito, Sérgio Motta
trompetes Nilson Coelho, Matheus Moraes, Alexandre Castro
trombones Vitor Carpintero, Rafael Severiano, Leandro Dantas; **tuba** Nilton Soares
tímpanos Rafaela Calvet; **percussão** Fernanda Martins, Paula Buscácio, Rafael Alves, Roberto Bonfim

administrador Ubiratan Alves

arquivo e montagem Sérgio Di Sabbato, Nilton da Silva Jr., Alexandre Castro

BRASIL ENSEMBLE- UFRJ

regente Maria José Chevitaress

sopranos Daruã Góes de Farias Bezerra, Isabela Viera Rocha Marinho, Lina de Alcântara Mendes, Manuela Vieira dos Santos, Marcela Lopes Duarte, Michele Carla Menezes, Priscila Marcelli Atie Pacheco, Ana Cecília Rebelo, Solange Rocha
contraltos Carol de Carvalho, Anacris Monteiro, Julia Anjos S. Oliveira, Luan Góes, Pâmela Martins, Rosely de Azevedo, Susan Silva Cruz
tenores Aires da Silva Correia, Cyrano Moreno Sales, Elizeu da Silva Batista, Fábio do Carmo Sá, Ramir Ramier Moraes Almeida, Roberto Monteiro Salles, Zangerolame Tabosa
baixos Carlos Vinicius Santos Silva, Jessé do Carmo Bueno, Julio César Tavares, Lúcio Chiesse Zandonade, Rafael Jassanã dos Santos, Rodrigo Peçanha de Mello Virgílio

ORQUESTRA DE CÂMARA DA BIENAL

regente Roberto Duarte

violinos I Ricardo Amado (*spalla*), Erasmo Carlos Fernandes, Luísa de Castro, Fábio Peixoto, Álvaro Carrielo, Anderson Pequeno
violinos II Mariana Salles, Talita Vilar Vieira, Keeyth Vieira Vianna, Tomaz Soares, Flavio Gomes dos Santos, Flank Carlaly
violas Ivan Zandonate, Luis Audi, Jessé Máximo Pereira, Alysio Mattos
violoncelos Marcelo Salles, Cláudia Grosso Couto, Diana Lacerda
contrabaixos Antonio Arzolla, André Geiger
flauta Rubem Schuenk; **oboé** Luis Carlos Justi; **clarineta** Paulo Sérgio Santos
fagote Aloysio Fagerlande; **trompas** Philip Doyle, Daniel de Souza Filho
trompete Nailson Simões; **trombone** João Luiz Areias
tímpanos Ana Letícia; **percussões** Pedro Moita, Daniel Serale, Lino Hoffman
organizadores Aloysio Fagerlande, Mariana Salles

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE / UFF

Reitor: Prof. Roberto Salles
Vice-Reitor: Prof. Emmanuel de Andrade
Pró-Reitor de Extensão: Prof. Fabio Passos

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL / UFF

Diretora-Administrativa: Ana Paula Cerbino
Produção Executiva Bienal 2009: Karla Bach e Lulu Pereira
Coordenação de Produção: Ana Paula Cerbino e Raul d'Oliveira
Assistente de Produção: Marilda Ribeiro
Assistente de Direção: Francisca Assis
Bibliotecária e Arquivista: Fátima Corrêa
Inspetor: Bruno Caldas
Montadores: Luiz Fernando e Bruno Caldas
Auxiliar de Administração: José Carlos Bianco
Camareira: Sheila Lucas

Comissão Artística: Raul d'Oliveira, Diana Lacerda, Elias Vicentino, Hélder Teixeira, Karla Bach.

violinos I: Vera Kingkade (*spalla*) *, Daniel Andrade, Juan Marcello Capobianco, Leonardo Fantini, Deivisson Branco, Demétrio Andrade***, Tiago Cosmo***, André Bukowitz***, Vinicius Amaral**, Carmelita Reis**, Giseli Sampaio**, Elisa Pais**

violinos II: Sônia Nogueira*, Carlos André Weidt, Juliana Fernandes, Priscila Araújo, Rubem de Oliveira, Nilce Nardi, Talita Vilar***, Pedro Henrique Amaral***, Anderson Pequeno**

violas: Ana Cristina Werneck, Carlos Henrique Fernandes, Ana Luiza Lopes***, Daniel Oliveira***, Susana Popping***, Daniel Prazeres***, Claudia Rosa***, Fernando Thebaldi*(**)

violoncelos: Diana Lacerda*, Ronildo Alves, Luciano Corrêa, Gabriela Sepúlveda, Hudson Lima, Lylían Moniz***, Fábio Coelho***, Henrique Drach**

contrabaixos: Juan Roberto Capobianco*, Clay Protasio, Raul d'Oliveira, Jorge Oscar de Souza, Lise Bastos***, Ricardo Medeiros**

flautas: Helder Teixeira*, Murilo Barquette, Wilson Simonal***, Andrea Ernest Dias**

oboés: Magda Pompeu*, Moisés Maciel, Harold Emert

clarinetas: Márcio Costa*, Walter Junio, José Batista Jr.***

fagotes: Cosme Silveira, Marcos Campos, Efraim Araújo***, Otacílio Ferreira*(**)

trompas: Geraldo Alves*, Priscila Viana, Marco Aurélio Vilas Boas, Waleska Beltrami

trompetes: Nelson Oliveira*, Delton Braga, Elias Vicentino, Maico Lopes***, Flávio Melo**

trombones: Sérgio de Jesus*, Jorge Leite da Silva, Luiz Augusto Pereira; **tuba:** Carlos Vega

percussões: André Santos*, Sérgio Naidin, Karla Bach, Paulo Bogado, Nirailton Nascimento, Rafael Alves***, Henrique Medeiros***

harpa: Vanja Ferreira***, Gelton Galvão***; **celesta:** Elisa Wiermann***; **piano:** Ronal Silveira***

*líder de naipe **músico licenciado ***músico convidado

APOIOS

Associação de Amigos da Orquestra Sinfônica Nacional / UFF " Diretor-Presidente: Raul d'Oliveira
Jornal Virtual da OSN/UFF " Redator-Chefe: Juan Marcello Capobianco (jornalosn@gmail.com)
CENTRO DE ARTES UFF
PROEX

Comentários sobre as obras

(textos redigidos a partir de informações recebidas dos compositores)

Alexandre Espinheira – *Meta: 1. alvo, mira*

Meta: 1. alvo, mira é uma peça para pequena orquestra que utiliza o clássico hexacorde *all combinatorial* 014589 (6-20), para montar uma série combinatorial que, por sua vez, define o parâmetro altura e a evolução temporal através de *time-point*. A série é utilizada num contexto pouco ortodoxo.

Alexandre Lunsqui – *Deflectere I*

O título latino, que significa entortar ou divergir, refere, também, ao fenômeno de distorção da luz. A fusão entre violino e clarinete forma um intenso contínuo sonoro e cria um espaço acústico fluido, frequentemente interrompido. Essa ambivalência cria um atrito interno que move a peça do começo ao fim. Metaforicamente, o material harmônico parte da divergência entre uma nota central e uma linha sonora, caracterizadas por trêmolos e arpejos. Uma seção cria uma ideia de congelamento de toda a ação, como um corte no tempo dado por uma fotografia.

Alexandre Sanches – *Density*

A principal característica do conjunto de obras denominado *Estudo dos Objetos Audiovisuais “ vol. I*, é estabelecer uma estrutura que priorize formas possíveis de relações audiovisuais, sem vincular a relação som “imagem a uma narrativa ou a um enredo. A construção utiliza variação de quantidade de eventos sonoros e visuais por um tempo determinado, em momentos mais ou menos densos de eventos audiovisuais.

Alexandre Schubert – *Cidade das minas*

O compositor é natural de Minas Gerais e tem fortes laços afetivos com a região das cidades históricas. A peça divide-se em seis movimentos. O primeiro, em duas seções, tem o subtítulo de *Montanhas* e é escrito a partir de intenso trabalho contrapontístico. Os outros movimentos, dedicados a Tiradentes, São João Del Rei, Prados, Mariana e Ouro Preto, são, ora rápidos e contrapontísticos, ora serenos e contemplativos.

Alfredo Barros – *Reflected sight*

O título se refere a um sonho, como se o compositor estivesse fora do seu corpo, vendo-o a relativa distância e sentindo essa experiência. A música não tenta explicar nada em forma de sons, mas usa a ideia como motivação para proporcionar, em suas texturas, a incerteza de ideias e sensações complexas envolvidas no sonho.

Almeida Prado – *14 miniaturas para piano*

Essa obra é inspirada nos netos do compositor, Mariana e Gabriel, e segue, de certa maneira, o espírito das *18 cenas infantis*, de 1981, sobre suas filhas Ana Luiza e Maria Constança. Cada pequena peça é como uma aquarela, um cromô, e, como as *Cenas infantis*, de R Schumann, são lembranças de ternura, do coração.

Aluisio Didier – *Metaphonia*

Dois motivos principais atravessam toda a obra, um no piano, outro no violoncelo. Contemporânea, ou talvez, pós-moderna, seu nome se deve ao caráter metalinguístico, ou seja: é uma música eclética, que faz referências a estilos e técnicas atuais e do passado, tomados com liberdade formal.

André Martins – *Referências*

A obra foi organizada harmonicamente com a utilização de dois conjuntos. O primeiro (0, 2, 5, 7) é utilizado na seção inicial. O segundo guarda semelhança com o anterior, por conter os mesmos vetores intervalares, acrescidos dos intervalos (1, 6), o que possibilita, ao longo da peça, garantir o contraste e manter sempre presente o espírito da seção inicial. O trecho final apresenta o mesmo conteúdo intervalar do inicial.

André Vidal – *Adonis y Narcisso convertidos em flores*

Os poemas narram a transformação de Adonis e Narcisso em flores. A atmosfera de cada canção ilustra o caráter de cada personagem. A primeira canção, sobre Adonis, é baseada em figuras melódicas mais alongadas, sugerindo uma figura masculina mais madura. A segunda retrata o caráter quase pueril de Narcisso, por meio de uma figuração mais rítmica, na voz e nos instrumentos.

Antônio Ribeiro – *Remansos*

As quatro canções são dispostas de modo a sugerir o relacionamento inconstante de um casal. O fio condutor, proposto pelos poemas, é a constante referência à água e a seus movimentos. O piano evoca timbres e texturas que sugerem a ideia de fluidez; a voz busca traduzir os diversos estados psicológicos dispostos na poesia. Cada nova canção traz motivos musicais das anteriores,

que procuram causar no ouvinte uma impressão de lembrança, ainda que fragmentária, do discurso dramático entre canto e piano.

Armando Lobo – *Estudo alquímico*

Essa obra foi inspirada pelos processos de transmutação de metais, conforme a tradição da alquimia. Ela decorre da ideia de *semitom cromático* e está construída em cinco movimentos breves, interligados em processo de transmutação temática. Partindo de *Nigredo*, *Solvente Universal* e *Albedo*, chega-se à recuperação da unidade primordial, *Rubedo*, e à *Dança do Homúnculo*, numa coda vibrante. A correspondência entre micro e macrocosmo é tratada por meio da aumento/diminuição de motivos temáticos; o *nigredo* e o *albedo* também são representados através da relação entre notas brancas e pretas no piano.

Arthur Kampela – *Happy days*

O título alude ao da obra teatral de Samuel Beckett, que apresenta uma personagem com a metade do corpo inserido numa montanha de ruínas. Sua imobilidade não a impede de exclamar coisas triviais, como: “mas que belo dia”. A obra musical procura capturar *ethos* similar ao da teatral, ao encerrar o solista numa “montanha de notas/sons/ruídos” que o asfixia. Várias técnicas de manipulação instrumental (notas assopradas, quartos de tom, sons guturais etc.) apontam para a impossibilidade do solista atuar numa situação normal.

Arthur Rinaldi – *Obsessione*

Inspirada em Berio, essa peça demanda grande esforço interpretativo do instrumentista e explora diversas mudanças de caráter. Ela tem como eixo central a polarização sobre a nota Mi, demarcada de início pelo tema central da peça. Polarização e temas recorrentes constituem o aspecto primordial de um obsessivo retorno, às vezes mais direto, às vezes mais sinuoso, que caracteriza a forma da obra.

Aurílio Edler Copes – *Cantiga*

Foram tomadas como referência as *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X, *El Sabio*, particularmente as de número 1252 e 326, com o objetivo de explorar as possíveis conexões e desconexões entre a música praticada naquela época e a música atual, desde a escritura pessoal do compositor. O acordeão foi escolhido pelas potencialidades timbricas que lhe permitem, tanto aproximar-se da música eletrônica, quanto criar sonoridades e articulações próximas às dos instrumentos de música medieval.

Bruno Ângelo – *Eternidade à deriva*

Bruno Ruviero – *Biologie littorale des mers tempérées*

Um título contribui fortemente para o *détournement* de uma obra, mas a reação da obra sobre o título é inevitável. Pode-se fazer um uso alargado de títulos específicos emprestados de publicações científicas ou militares, ou de muitas frases encontradas em livros ilustrados para crianças. A palavra francesa *détournement* significa afastamento, desvio, distorção, uso indevido, diversão, apropriação indevida, ou, de forma geral, retirar algo do seu propósito usual. Essa peça, assim como esse parágrafo, pode ser reproduzida, imitada, transformada, ou parcialmente citada sem a menor indicação de origem

Caio Senna – *Das várias maneiras de se estar só*

Calimério Soares – *Toada*

Cantiga singela, de caráter melancólico, com conotações melódicas contrastantes. É resgatada a atmosfera musical dos tempos em que o compositor era um jovem estudante de música. Sua estrutura é bastante simples: algo mais ou menos em torno da forma A-B-A.

Carlos Almada – *Nove estudos seriais*

Esses estudos baseiam-se numa série dodecafônica. Cada um tem caráter bem definido, e procura explorar o instrumento através de efeitos idiomáticos rítmicos, métricos e harmônicos.

Celso Mojola – *Calíope*

Essa peça, em movimento único, integra um conjunto de várias outras, compostas com apoio da Bolsa Vitae de Artes e relacionadas às musas da antiguidade grega. A variedade de timbres e a densidade sonora proporcionada pela combinação dos instrumentos utilizados constituem a base de sua estrutura. Fazendo uso de uma harmonia de natureza pós tonal, *Calíope* busca recriar a força e a expressão dessa poderosa musa, influente na poesia e na oratória.

Clayton Mamães – Paisagem bucólica ou jogo das longas variações
Representação imagética de uma tarde de verão, sem vento nem nuvens, diante de um alpendre, conciliando a rigidez das montanhas e árvores aos movimentos ligeiros de pequenos animais. A obra procura aliar a estaticidade sonora, formada por complexos de notas longas, à gestualidade figurativa, formada por pequenas aglomerações de eventos instrumentais. O colorido timbrístico é alcançado pelo uso de recursos provenientes de técnicas instrumentais expandidas.

Cristiano Malli – 7 peças Kurtags

Ciclo em sete movimentos tocados sem interrupção. Com caráter de suite, a obra recria formas clássicas em pequenas miniaturas, no espírito das obras do compositor G.Kurtág.

Cyro Dalvízio – Adejo

Adejo significa cavalo que vagueia sem cavaleiro nem carga. Nessa obra, de viés virtuosístico, o compositor serve-se de um único motivo condutor, processo empregado de forma similar na música minimalista e em inúmeras obras de Bach. O motivo aparece transformado por diversos procedimentos aplicados às suas alturas, e que acabam por influenciar a rítmica da obra, deslocando suas acentuações e tornando-a notadamente aditiva – o que é uma característica da métrica musical negro-africana, enquanto, tradicionalmente, a ocidental é divisiva.

Daniel Carneiro – Open Field

A peça explora relações musicais de similaridade e contraste entre sons instrumentais e eletroacústicos. Nesse contexto, interagem gestos instrumentais amplificados nos sons e texturas eletroacústicos, que evoluem de forma orgânica, por vezes fundindo-se com os sons do violino. O ouvinte é convidado a apreciar as características internas dos sons e, ao mesmo tempo, a descobrir-se imerso e rodeado por um espaço criado e esculpido por esses mesmos sons. Estabelece-se, assim, um campo aberto para a troca de experiências sonoras.

Daniel Puig – Ecolocação

Obra dedicada a meus filhos, Raphael e Maira.

Daniel Serale – Falsas ilusões

Uma frase do livro *Respiração artificial*, do argentino Ricardo Piglia, serviu como disparador para a composição: “no tear dessas falsas ilusões se tecem nossas infelicidades”. A peça se desenvolve em dois planos que interagem sem se integrarem completamente. Por um lado, a reprodução entrecortada e distante da *Pastoral*, de Stravinsky, e, por outro, sons percussivos de madeiras e peles com ritmos irregulares. Paulatinamente, os cortes na gravação se tornam mais frequentes, na mesma medida em que a percussão ganha densidade e complexidade.

Diogo Ahmed – Arpoador

Edino Krieger – Pequeno concerto

O primeiro movimento começa com um tema tranquilo, recuperado de uma obra iniciada e interrompida nos anos 1940. Segue-se um *allegro* virtuosístico, iniciado por um ritmo *ostinato*. O tema inicial retorna e o movimento se encerra depois de breve cadência. O segundo movimento desenvolve-se sobre um motivo de quatro notas, sons dos sinos de um mosteiro, ouvidos diariamente na Casa de Brahms, em Baden-Baden, onde a obra foi composta. O movimento final traz uma pulsação assimétrica nas cordas, sobre a qual o solista tece figurações ornamentais rápidas.

Edson Zampronha – Ciaconna

A percussão múltipla simula um piano através de combinação de timbres. O ouvinte é levado a compreender a sucessão de timbres da percussão como um desenho melódico, reinventando o conceito de melodia de timbres. Já o piano realiza harmonias baseadas em espectros que se fundem estrategicamente com a percussão. Estes espectros, em certos momentos, se convertem em encadeamentos harmônicos, dos quais nascem linhas melódicas que se revelam como um deslocamento, ao piano, das linhas melódicas da percussão. Os espectros-harmonias se repetem durante a obra, criando um fundamento para a união entre timbres, harmonias e espectros.

Eduardo Guimarães Alvarez – Três canções infantis sobre poemas de Bertold Brecht

Essas canções, criadas para os sobrinhos do compositor, foram inspiradas por poemas de Brecht que têm um humor muito particular. Ao criar a obra, o compositor recordou seus primeiros contatos com a música instrumental, que se deu graças aos discos de estorinhas com trilhas de Mignone, Santoro e Gnattali, que constituíam uma forma infantil de dramaturgia musical. Revisitando essas lembranças, também redescobriu seus primeiros contatos com a música.

Eli-Eri Moura – Uiramiri “Quatro Cenas Orquestrais

Uiramiri é um dos nomes do uirapuru. Os movimentos representam *metamorfoses* a partir de quatro obras. No movimento I, a visão amazônica do *Uirapuru*, de Villa-Lobos, é transformada em *máquina orquestral*, que

representa o avanço do homem no meio ambiente. No movimento II, pequenas *fagulhas musicais* (fragmentos cromáticos) multiplicam-se e formam um retrato de queimadas e desertificação; esse movimento conclui com um gesto expressivo, quando emerge o tema dos violoncelos da *Sinfonia Uirapuru*, de Guarnieri. Em *Et expecto resurrectionem mortuorum*, Messiaen cita o gorjeio do uirapuru como o centô que só se ouve no momento da morte; essa citação permeia o movimento III, que evoca o desaparecimento das culturas indígenas. E Bayle, em *Zen*, cita o uirapuru num contexto de música eletrônica, evocado no movimento IV, para aludir a um possível futuro mundo onde florestas, pássaros, animais, culturas existiriam apenas nas memórias dos computadores. Um retorno ao universo viallobiano é apresentado como possível alternativa.

Ernst Mahle – Abertura Festiva

Composta para a inauguração do Centro Tecnológico da Mahle Metal Leve (Jundiaí/SP)

Fernando Iazzetta – Five places to remember

Obra criada durante estadia como compositor residente no Visby International Centre for Composers, na Suécia. Ela é composta por cinco pequenas peças, cada uma delas relacionada a uma experiência sonora, registrada em cinco cidades diferentes: Praga, Berlim, Bogotá, Paraty e Bruxelas. Cada peça começa com um pequeno excerto gravado, que remete a uma impressão particular da cidade e que é trabalhado de modo a recriar eletronicamente alguns aspectos sonoros ligados à paisagem sonora de cada lugar.

Flavio Santos Pereira – Três canções sobre textos de Fernando Pessoa

Os poemas imbricam-se em regiões de significação, o que se reflete no discurso musical pela recorrência de figuras características. A música como que lê os poemas; cada termo reverbera na música, que responde, solidária, mas também com a ironia que aprofunda e agrava o desconforto do poeta com a realidade, e que o leva a buscar o efêmero refúgio no “sonhando de sonhar”, no “sonho de existir”.

Guilherme Barroso – Cantiga

Escrita sobre poema de Manuel Bandeira, a obra começa com efeitos representando os sons do mar e do vento. A primeira seção demonstra, através do paralelismo do coro, o movimento das ondas do mar. Entra o tema B, com a frase “quero ser feliz”, e a melodia passa a ratificar o desejo da personagem. Em “Místico”, começa a segunda seção. A frase “quem vem me beijar?” foi interpretada como vindo do mar em direção à personagem. Na terceira seção, volta o tema A, e começa um decrescendo contínuo até o fim da peça, quando as ondas engolem a personagem.

Guilherme Bauer – Duas peças para clarinete solo. Clariscuro, Gradações
Clariscuro nos remete à pintura e à fotografia, representadas pelas cores contrastantes do instrumento. Em *Gradações*, há planos variados de alturas, com ênfase na região grave do instrumento. A região agudíssima é alcançada gradativamente, atingindo o clímax no último compasso. No decorrer das duas peças, são inseridas interferências rítmicas.

Guilherme Bertissolo – Exceto

A obra trata daquilo que está aparentemente ausente, ou virtualmente presente. As séries harmônicas das notas dó e fá# foram usadas como base para o conteúdo das alturas. Esses conteúdos são bastante incongruentes, exceto por cinco sons, que pertencem às duas séries. Se ouvimos as duas fundamentais, os cinco sons estão, virtualmente, sempre presentes. O que acontece se em uma multidão todos passam despercebidos, exceto cinco pessoas? Ou quatro? Ou três, duas, uma? As exceções podem ser alturas, durações, ritmos, métricas, articulações e o que mais possamos vislumbrar.

Gustavo Penha – Caminhos, passagens e saídas

Homenagem explícita e implícita a Igor Stravinsky, principalmente aos das *Três líricas japonesas*, por suas harmonias e orquestrações inusitadas. A peça é um estudo sobre as forças de diferentes objetos sonoros e suas relações recíprocas. Foi escrita especialmente para o grupo paulistano Sonâncias e faz parte do primeiro CD do grupo, *Ressonâncias*, apoiado pelo Prêmio Estímulo da Secretaria de Estado da Cultura de SP.

Harry Crowl – “Sapo não pula por boniteza, mas sim por precisão”

No ano do centenário de Guimarães Rosa, o compositor partiu de uma citação de *Sagarana* para escrever um trio. A obra musical não procura descrever o título, mas criar um universo sonoro onírico que sugere um imaginário universal encontrado em quase todas as culturas através do olhar atento das pessoas mais simples das regiões mais remotas. Trata-se de um divertimento no sentido de certa leveza no discurso musical em que os aspectos idiomáticos tradicionais dos instrumentos são exaustivamente explorados.

Januibe Tejera – Outra hipótese para o fim de Jacques o Fatalista
Num labirinto narrativo, o autor, o escritor, o narrador e um editor imaginário, todos confundidos, estabelecem um diálogo com o leitor, apresentando causos e aventuras de Jacques e de seu mestre, que, por sua vez, tornam-se narradores de outros causos, com outros personagens, os quais narram ainda outros... Assim, a estória/forma do livro transforma-se no percurso e nos enlances construídos pelos leitores das várias narrativas. Essa obra musical é a versão do compositor.

Jean-Pierre Caron – *Postlúdio*

A obra busca realizar um *continuum* de sonoridades a partir dos diversos materiais presentes na preparação pianística e dos diversos procedimentos de execução à guitarra elétrica. Ela se divide em três movimentos bem individualizados, que se caracterizam por uma relação diferente que guitarra e piano mantêm entre si. Outra característica forte da peça é o ténue equilíbrio entre repetição e variação, na construção de atmosferas estáticas que não se esgotam na repetição literal.

João Guilherme Ripper – *Magnificat*

O texto bíblico do *Magnificat* traz as palavras laudatórias proferidas por Maria à grandeza de Deus. Após o tom solene que envolve o verso inicial, solistas, coro e orquestra exprimem a efusão de alegria e felicidade em trechos onde predomina o elemento rítmico, sugerindo a dança e a festa, culminando na doxologia final.

João Svidzinski – *Ode à Blumine*

Blumine era o nome do segundo movimento da primeira sinfonia de Mahler (*Titan*), muitas vezes omitido. *Ode à Blumine* é uma homenagem a esse brilhante compositor da virada do século XIX/XX. Os primeiros compassos reverenciam a primeira grande obra sinfônica mahleriana, bem como a relação onomatopéica de motivos e o tratamento da melodia.

Joélio Luiz Santos – *Casa..., magia..., palhaço enfeitado*

Inspirada no poema *Alegria de Palhaço*, de Roseane Lima Leão, a obra tenta expressar a alegria do palhaço que faz a plateia sorrir, mas guarda uma caixinha com as suas tristezas. Não é só o palhaço que guarda uma caixinha secreta: todos tentam esconder-se por trás da pasta d'água, a se enfeitarem de alegria ou tristeza. O material rítmico é elaborado a partir da canção *Circo*, de Sidney Miller; quanto às alturas, é serial livre, com o uso ocasional de cromatismos. A obra dialoga com escrita tradicional e indeterminada para tentar expressar esses dois mundos: alegria x tristeza.

Liduíno Pitombeira – *Amadeus*

A obra foi composta a partir de sonoridades encontradas no fragmento do *Streichtrio Satz* in G, KV Anheng 66 (562e), de Mozart. Estas sonoridades são utilizadas como gestos inalterados, distorcidos ou geradores de materiais completamente novos. Trechos originais emergem de estruturas atonais, de pólos hexatônicos e de séries dodecafônicas derivadas dos próprios gestos originais.

Luciano Leite Barbosa – *Cinerário*

A peça, em quatro movimentos breves, explora diferentes combinações de timbre e os potenciais de ressonância dos quatro instrumentos que a compõem.

Luis Carlos Csokó – *Vermelho escuro*

Essa obra evolui em interfaces de música experimental e multimeios, sendo regida pela concisão da poesia, fluxo de consciência e um tempo espaço em suspensão, onírico. *Vermelho escuro* possui as propriedades de um borrão em som, que se expande no tecido da ambiência acústica, irregularmente esmaece e recrudesce sua densa, escura textura. Delineada pela dinâmica própria aos borrões, a peça espalha-se em limites de grave e agudo, sem saltos, em movimento de grande densidade textural, difundindo nuances térmicas.

Luis Passos – *Feixe de luz, desolado e turvo, no anoitecer*

Num discurso em que ecoa a forma rondó do período clássico, um mesmo material, de caráter solitário e triste, retorna sempre às mesmas notas, apresentando variações de caráter e desmembrando-se em pequenas ideias que são individualizadas harmônica e rítmicamente. As seções que se alternam com esse material são vivas e rápidas, à exceção da última. Nesta, notas longas, agudas e distantes dialogam com o material inicial e são transformadas até culminarem no gesto vivo do final.

Marcelo Carneiro – *Duo em 3*

A obra é um barro. Escolhendo uma não filiação estética específica, mas a multiplicidade, ela obriga a uma re-interpretação de percursos trilhados. Une o velho no novo, o novo no velho, e pretende-se um pastiche do compositor e dos outros. Seu traçado enviesado conecta pontos aparentemente distintos e excludentes, como forma sonata e o defasamento minimalista, e o faz de forma violenta, indiferente e paradoxalmente comprometida. Por isso, ela só faz sentido se circunscrita

nas possibilidades de andamento previamente estabelecidas, pois é este o catalisador das pretendidas ligações.

Marcelo Ohara – *Prato único*

Um prato, apesar de único, pode oferecer várias nuances de sabores, cores e sensações, mediante a integração instrumento e microfones na tomada de som, a tomada de som como um meio de criar variedade de objetos sonoros, a descoberta de sons e efeitos por meio da macroscopia propiciada pelos microfones. Através de uma escuta detalhada da morfologia de cada som, os sons do prato são retirados e reinterpretados.

Marcelo Rauta – *Sinfonietta n° 2*

Obra quartal/triádica, cromática e cíclica. Possui três movimentos construídos sobre os moldes formais clássicos: forma sonata, lied e rondô. Composta em 2006, recebeu o primeiro prêmio no concurso Sesiminas da Cultura, para orquestra de cordas.

Marcos Feitosa – *Ave Maria*

Essa *Ave Maria* foi motivado pela simples devoção e inspirada em alguns compositores brasileiros. Sua estrutura é seccionada, com partes claramente definidas por meio de fortes cadências e uma espécie de estrilho, que se repete com algumas pequenas variações, inclusive do próprio texto. Apesar de tonal, apresenta alguns encadeamentos não convencionais, seja pela utilização de acordes em quartas ou pela harmonia resultante das diferentes texturas.

Marcos Lozano – *Quarteto*

Observa-se, nessa obra, o aproveitamento de diferentes timbres oferecidos por uma formação instrumental de sonoridade bastante homogênea. São criados contrastes que se fundamentam desde a fusão de determinadas combinações harmônico-melódicas até o uso de diferentes regiões na tessitura dos instrumentos.

Marcos Lucas – *Gnusianas*

O primeiro movimento dessa obra intitula-se "Ma", palavra japonesa que pode ser traduzida por 'lacuna', 'espaço' ou 'pausa' entre duas partes estruturais. Este espaço, entretanto, tem valor estrutural e define o todo. Diferentes gestos musicais são articulados por ressonâncias e silêncios plenos de significado expressivo. O segundo movimento, "Corus", contrasta com o primeiro e explora diferentes níveis de tensão e de relacionamento entre os instrumentos. Ele reflete um período de grande tensão emocional do autor.

Marcos Nogueira – *Aije*

São feitas referências aos zuniadores nos rituais bororo do norte de Mato Grosso.

Marcus Siqueira – *Colapsos, para quarteto de cordas e orquestra sinfônica*

A obra explora possibilidades de diálogo entre quarteto de cordas e orquestra sinfônica. O quarteto ora apresenta todo o jogo das alturas projetadas no efetivo orquestral, ora opera no campo da memória dos materiais advindos da orquestra, num jogo contrapontístico de linhas, texturas e gestos alternados. Em muitas passagens, o quarteto propõe desvios que tornam a escuta um tanto instável. A ideia de colapsos sonoros nasce do discurso truncado, ruidoso e às vezes estático entre os diferentes naipes da orquestra, o quarteto e instrumentos esparsos. A orquestra também atua através da voz dos músicos, produzindo tanto sons estabelecidos na partitura, como uma textura aleatória com alturas definíveis. Metaforicamente, a obra almeja atingir uma abstração sonora sobre a passagem da física mecânica para a quântica, conhecida como "colapso de onda".

Maria Helena Rosas Fernandes – *Vales*

Na procura constante do homem pela sua paz interior, ele trava uma batalha titânica. Uma das armas de que dispõe é o emor, porque é através dele que encontrará força para vencer obstáculos. A tradução deste esforço numa linguagem musical foi uma ousadia e um desafio para a compositor; suas dificuldades constituíram um arremedo daquelas que o homem enfrenta para conseguir a felicidade que advém dessa busca.

Mário Ferraro – *Yu*

Yu foi inspirada pelo hexagrama n° 16 do *I Ching*, ou *Livro das Mutações*. Seu texto traz a imagem de um "Trovão sobre a Terra" como símbolo para "o Entusiasmo", um efeito que a Música, muito especialmente, pode induzir no coração dos homens.

Mario Ficarella – *Sonata-fantasia*

Escrita para um duo profissional holandês, essa obra não se preocupa com aspectos técnicos de cada um dos instrumentos. Compõe-se de três movimentos, em que a maior preocupação do compositor foi integrar os dois instrumentos, sem que qualquer destaque fosse dado a um ou a outro.

Maria Rezende – Preludiando

A obra parte da proposta de Antonio Meneses, a quem é dedicada, de servir como um prelúdio à *Suíte nº 5 para violoncelo solo*, de Bach. Assim, sugere elementos presentes na linguagem barroca, tais como um ou outro fragmento melódico, uma ou outra figuração, e até mesmo uma referência a dó menor, tom da suíte. O discurso constrói-se de forma fragmentada, como a negar os afetos estabelecidos por seu modelo, introduzindo uma ambigüidade marcante de um outro tempo, um tempo de dúvidas.

Maurício Da Bonis – Carta a uma jovem vibora (segunda versão)

Motivados por alterações no poema, violão e piano partem de seis mecanismos básicos de ataques sobre cordas e suas variações, enquanto a voz se solta gradativamente em serpenteios de sinuosidades viperinas.

Natan Ourives – Do éter ao carbono

A obra parte da fusão de materiais melódico-harmônicos embasados em técnicas composicionais variadas, abordadas de maneira pessoal e simplista pelo autor. Toda a heterogeneidade presente na cabeça do compositor contemporâneo ante o ato compositivo se decompõe e se dilui de forma cíclica. A uniformidade, basal e necessária para a concatenação dos diversos sons e sonoridades, é construída a partir da força persuasiva, constante que transforma o que vem do ser, heterogêneo por natureza, em algo homogêneo e natural.

Neder Nassaro – Circuito

A escrita da obra é pouco determinada e explora as várias possibilidades timbrísticas da clarineta e de pequenos instrumentos de percussão, criando relações de tensão, relaxamento, adensamento, rarefação, sincronismo e caos.

Nikolai Brucher – Mitos

As duas partes da obra fazem referência a dois personagens da mitologia indígena no Brasil. O primeiro movimento narra o mito de Iara, a mãe das águas, e a *Toccata* do segundo movimento retrata a figura do Saci-pererê.

Pablo Aldunate – Enigma

A peça trabalha com dois materiais de alturas muito constantes: uma série dodecafônica e a sequência de quintas Sol-Ré-Lá-Mi. Ambos os materiais coexistem e interagem das mais variadas formas, seguindo, nas partes extremas (perto do início e do fim), o princípio de perpétua transformação e mútua influência. Nas partes centrais, os usos da série vão do centro para os extremos (expansão) e dos extremos para o centro (retração). O(s) ritmo(s) da peça é também tratado a partir destes mesmos princípios, insuflando vida à obra.

Paulo C. Chagas – Canções das almas**Paulo Dantas – Cantos inacabados**

A obra foi composta durante os últimos estágios de pesquisa de mestrado do autor e marca alguns de seus interesses recentes, como estratégias alternativas de notação, confecção de diretrizes para improvisação e o uso de processamento e síntese de sons em tempo real.

Paulo Raposo – Concerto

A obra utiliza como material uma série não-dodecafônica, criada a partir das letras do nome do compositor. O primeiro movimento é baseado em uma reinterpretação da forma-sonata; seu último acorde gera o material harmônico do segundo movimento, uma escala, que serve de base para o tema em acordes de uma chacona. O terceiro movimento, iniciado com uma *cadenza* do piano, está também baseado naquele acorde, porém a técnica serial é sobreposta ao material escalar, efetuando, assim, uma transição para o quarto movimento, construído sobre o retrógrado da estrutura harmônica do primeiro.

Paulo Rios Filho – O enigmático gato de rimas

A peça resulta de um estímulo bipartido: de um lado, o repente nordestino e, de outro, uma canção pop *viking metal*, que, por sua vez, resulta de outro estímulo – a música tradicional dos países nórdicos. Tais pontos de partida são decisivos para a escolha dos materiais e procedimentos, mas a obra nada tem a ver com o seu estímulo – num esforço contrário ao da representação/exotização.

Pedro Augusto Dias – Movimento concertante

A obra baseia-se num pequeno motivo melódico de quatro notas (conjunto 0134), explora a coleção octatônica e utiliza “centridade” tonal, com muitas ocorrências de “ambigüidades cênicas” típicas dessa coleção. A relação entre solista e orquestra é frequentemente a de membros de um único conjunto.

Rafael Bezerra – Suíte orquestral

Nesta obra procurou-se dar destaque a cada seção da orquestra, mas legando certa responsabilidade ao naipe de percussão, que tem vários

trechos com caráter solista. O terceiro movimento, além de introduzir um novo tema, faz menção aos anteriores, contrapondo seus temas principais.

Raul do Valle – Dualidade

Dois momentos sonoros e distintos, unidos por um interlúdio, caracterizam esta obra breve em que dialogam temas rítmicos vigorosos.

Renato Vasconcelos – Dois fragmentos

O primeiro movimento é brilhante e expressivo – uma “tempestade de ideias”; o segundo é contrastante, reflexivo e convida à introspecção. A obra é elaborada a partir de fragmentos de um tema conhecido da música tradicional. Mesclado com citações de outras obras, sensações e ideias diversas, e inspirações pessoais, a obra resume um trabalho longo em três pequenos minutos.

Ricardo Szpilman – Concertino

A harmônica é solista, porém há bastantes diálogos internos. O duo toma, às vezes, um caráter de trio. A textura da peça pode variar muito e é constantemente instaurada por técnicas diferentes (harmonia de quartas, harmonia acústica, modalismo, contraponto, mudanças rítmicas...), somadas, combinadas e normalmente não estritas. Num caminho em três partes/movimentos, a unidade da peça se manifesta através deste trabalho de desenvolvimento de materiais e técnicas.

Ricardo Tacuchian – Filho da floresta

Obra evocativa da floresta amazônica, com texto do poeta amazonense Thiago de Melo.

Rodolfo Coelho de Souza – Em Verde e Amarelo

A nome da peça brinca com *En blanc et noir*, de Debussy, e indica um deslocamento de referências para a nossa cultura musical, simbolizadas pelas cores de nossa bandeira. O material musical básico é tomado de um frevo, cuja textura rítmica requer quatro camadas sincopadas, o que naturalmente se encaixa na textura do piano a quatro mãos. O sentido de febre, conotado pelo nome da dança, sugeriu um desenvolvimento do material que atravessasse episódios contrastantes, como na alternância de percepções alucinadas ou contemplativas de um sujeito com febre ardente, associadas a seções formais de introdução, exposição, desenvolvimento, recapitulação e fechamento.

Rodrigo Garcia – Sem amor, por amor...

A obra objetivou relacionar a teoria pós-tonal (parâmetro altura) à forma sonata, explorando recursos dramáticos e expressivos resultantes dessa combinação. Trata-se de um mergulho na experiência da subjetividade, da transposição de um drama pessoal em musical.

Rodrigo Marconi – Rituais e máscaras

“Rituais e máscaras” é, segundo Boal, uma “particular técnica de teatro popular (e) consiste precisamente em revelar as superestruturas, os rituais que *coisificam* todas as relações humanas, e as máscaras de comportamento social que esses rituais impõem sobre cada pessoa, segundo os papéis que ela desempenha na sociedade e os rituais que devem representar”. Essa peça é dedicada a Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, e artista que fez da política, poética, e da poética, política.

Rogério Costa – Teias

Cada voz/linha/força/fluxo manifesta uma personalidade irreduzível, cujo relacionamento se dá de formas diversificadas. Cada instrumento tem um temperamento, que se realiza através da formulação de comportamentos musicais adequados do ponto de vista figural, gestual, sonoro e temporal. O resultado articula momentos que são como regiões de uma teia sonora heterogênea, onde se manifestam gradações entre o simétrico e o assimétrico, o denso e o rarefeito, o sincrônico e o diacrônico, o liso e o estriado, o convergente e o divergente.

Ronaldo Miranda – Texturas

Essa é a primeira obra do compositor para quarteto de cordas. O primeiro movimento flui em idioma livremente atonal, com pontos de tensão e distensão; o segundo tempo fixa-se em linguagem neo-tonal, na tradicional forma ternária. O terceiro movimento começa com contrastes vigorosos de dinâmica e textura rítmica, que posteriormente se transformam num universo mais lírico. Dramáticos uníssonos desfazem o lirismo e conduzem a um final sombrio e denso. O último movimento volta ao idioma neo-tonal, faz referência bem sublimada à estrutura da forma sonata e termina com uma coda incisiva e brilhante.

Silvia de Lucca – Villalobiano

Nesse quarteto de cordas, o violão toma o lugar de um dos violinos. Violão e violoncelo eram muito familiares a Villa-Lobos, tanto que as obras em que ele os prioriza são verdadeiras referências na literatura musical. Por isso, à exceção do tratamento em *tutti*, esses dois instrumentos atuam em

par para expressar um só significado, bem como o violino e a viola. Sublinhando a homenagem ao compositor, são feitas citações de obras suas, que, de algum modo, inspiraram a criação dessa música.

Silvio Ferraz – *Passo de Manoel Dias*

A obra faz parte de ciclo realizado a partir dos *Motetos de Passos* do compositor barroco-mineiro Manoel Dias de Oliveira, e compõem uma série que seu compositor chama de re-escritura. Trata-se de tomar uma obra de outro compositor e reescrevê-la conforme padrões timbrísticos e de espacialidade harmônica e temporal da música mais recente. O efeito final é como se ouvíssemos uma obra longínqua, de articulação tonal, porém timbristicamente transformada. Pode-se dizer também que as re-escrituras reintroduzem a sonoridade da música tonal em um universo marcado pelas experimentações eletroacústicas da música do século XX.

Tania Lanfer Márquez – *Lai de Bisclavret*

Bisclavret é um conto da escritora francesa Marie de France (século XII): um homem é transformado em lobo, em determinado período do mês. O interesse deste conto é a temporalidade da metamorfose, tanto o tempo em que o homem permanece lobo, quanto o tempo da passagem de um estado para outro. Segundo Giorgio Agambem: “a transformação em lobisomem corresponde perfeitamente ao ‘estado de exceção’, em que, durante um tempo (necessariamente limitado), a cidade é dissolvida e os homens entram numa zona em que não são mais distintos das feras”.

Tatiana Catanzaro – *Traces fouillis gris pâle blanc sur blanc*

Uma lembrança congelada de um passado que ainda se move, um paradoxo perpetuado pelo “tempo sideral da memória”, como disse Beckett em sua obra *Bing*. Na presente composição, uma narrativa sutil, repetitiva e circular, provoca a torrente interna de um momento efêmero, rápido, intenso, e, no entanto, já extremamente pálido, num cinza esmaecido, perdido nas lembranças de outrora, quase branco sobre branco. Um *trompe l’oeil*, parecendo não ir a lugar algum, conduz a territórios novos, desconhecidos, que, ao final, não poderão jamais reencontrar seus caminhos originais. Tudo muda, na imobilidade da repetição.

Thiago Sias – *Quinteto de sopros*

A obra apresenta uma grande exploração do material motivico, que considera, tanto o acompanhamento (*ostinato* não regular) e temas melódicos, como materiais passíveis de desenvolvimento temático. Os três elementos desenvolvidos durante a obra são apresentados nos primeiros compassos. Ao longo, um segundo tema, de forma coral, é apresentado. Após uma intensa polifonia dedicada à exploração do material do *ostinato*, novas seções de desenvolvimento melódico são apresentadas, procurando sempre explorar a diversidade timbrística da instrumentação.

Tim Rescala – *Quarteto circular*

O quarteto é construído a partir da ideia da circularidade de temas. Embora tenha três partes bastante características em termos de andamento, dinâmica e timbre, o trabalho composicional se faz sempre sobre as mesmas ideias musicais. Elas estão presentes em toda a peça, justapostas, intercaladas, alternadas, enfim, formando um mesmo tecido sonoro, embora este tenha três texturas bem diferentes umas das outras.

Valério Fiel da Costa – *Viagem ao oco das coisas*

Peça baseada em poema do livro *A nave do nada*, de Ney Paiva, que diz:

“a nave louca do poema/ atravessa intronete-se – não se exila/ viaja para o oco das coisas/ só aparentemente está à distância/ torna sempre a aparecer/ insubornável”. A peça soa como um evento que gira em torno de si, criando uma metáfora espacial: convida a um “estar dentro”, mais do que a um “ouvir de fora”. A instrumentação é peculiar: um violão com cordas afinadas para soar com o máximo de ressonância, um piano preparado onde as resultantes harmônicas são afinadas obedecendo a um modo de base e, finalmente, a pesada e improvável tuba cantarolando como que sem se importar com o contexto.

Vicenta Alexim – *Concerto de câmara*

Obra de grande virtuosidade para o solista e de escrita densa e colorida. Os instrumentos da orquestra são tratados de forma quase camerística, com muitos solos e poucos dobramentos. O primeiro movimento começa de forma misteriosa, e logo assume um caráter mais enérgico. Uma cadência do solista, permeada por intervenções da orquestra, conduz ao final anticlimático do movimento. O movimento central é lento e expressivo, misturando o solista com solos dos instrumentos da orquestra. O último movimento utiliza a forma e o material temático do primeiro, mas com uma escrita mais enérgica e um final muito mais impactante.

Vinícius Giusti – *A imagem e o reino*

Essa composição acusmática reúne sons dispares quanto à fonte sonora, mas que se assemelham quanto à constituição espectral. Ela procura reproduzir uma escuta em que o som (que ora mostra referências, ora aparece desvinculado de uma fonte sonora identificável) conduz a estrutura musical de forma análoga à sua própria constituição. O título da peça busca retratar a dualidade existente entre o mundo físico, de onde o som emana, e o mundo do ouvinte, que interioriza a referência externa, formando “imagens” inteligíveis que lhe permitem enxergar coerência no discurso sonoro.

Washington Denuzzo – *Que som é esse?*

Oito sistemas individuais de projeção sonora são dispostos em forma de círculo em torno do ouvinte. Nesse espaço os sons da peça preenchem o imaginário do espectador através de um jogo de estratégias narrativas estruturadas espacialmente. Recebendo poucas modificações posteriores à captura, os elementos sonoros mantêm as relações extra-musicais, porém não deixam de ser estruturados musicalmente, gerando um embaçamento na percepção entre gesto e proveniência.

Yuri Prado – *Cinco peças carnavalescas*

Baseada na técnica da variação, a obra propõe uma releitura de gêneros de dança característicos do período carnavalesco; alguns deles não mais praticados. Os contrastes entre rua e salão, rotina e folia, cansaço e disposição serviram como referência para a composição.

Zoltan Paulinyi – *Toada*

Esta é a primeira obra brasileira para viola pomposa, enigmático instrumento pentacorde da família do violino. É dedicada à artista plástica Marlene Godoy, cuja encáustica sobre pau-brasil, para expressar internacionalmente a essência brasileira, inspirou a criação desta música. O tema, modal, de sete notas, serve como uma série não convencional. É apresentado integralmente apenas no final da música e sugere as memórias de um camponês ao entardecer de um intenso dia de trabalho.

funarte

edições

Novo lançamento:

O BRASIL DEVE APRENDER A CANTAR!

A nova iniciativa do maestro
Villa Lobos

Para orpheonizar
o proletariado carioca,
ser-lhe-á dedicada
uma audição gratuita
no Theatro João Caetano

Heitor Villa-Lobos — Guia Prático

nova edição, revista por
Manoel Corrêa do Lago
Sérgio Barboza
Maria Clara Barbosa

Co-edição: Academia Brasileira de Música
Fundação Nacional de Artes

caixa com quatro fascículos

preço: R\$ 80,00



Livros

Camargo Guarnieri — O tempo e a música

Co-edição: Funarte / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

org.: Flávio Silva, 671p. 220 exemplos musicais, 130 ilustrações, 12 índices.

Estudos por Antônio de Sá Pereira, Belkiss Carneiro de Mendonça, Eurico Nogueira França, Flávio Silva, João Caldeira Filho, Jorge Coli, Laís de Souza Brasil, Lutero Rodrigues, Maria Abreu, Mario Ficarelli, Osvaldo Iaccerda, Paulo Castagna, Ricardo Tacuchian, Vasco Mariz. Correspondência integral entre Camargo Guarnieri e Mário de Andrade, editada e comentada por Flávia Toni. Catálogo de obras de Camargo Guarnieri.

Preço: R\$ 60,00

Francisco Mignone — O homem e a obra

co-edição: Funarte / UERJ

org.: Vasco Mariz. 235p., 28 exemplos musicais, 20 ilustrações

Estudos por Aloisio de Alencar Pinto, Carlos Alberto Pinto Fonseca, Eurico Nogueira França, João Pedro Borges, José Eduardo Martins, Luiz Antônio de Almeida, Luiz Heitor, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Mário Tavares, Roberto Duarte, Sérgio Barcelos. Catálogo de obras de Francisco Mignone.

Preço: R\$ 30,00

36 compositores brasileiros — Obras para piano

autor: Saloméa Gandelman

336p. centenas de exemplos musicais.

Análise de 425 obras pianísticas compostas entre 1950 e 1988 por 36 compositores

Preço: R\$ 40,00

CDs

Camargo Guarnieri — 50 Ponteios (álbum duplo).

Laís de Souza Brasil, pianista

Preço: R\$ 30,00

Camargo Guarnieri — Concertos para piano e orquestra n. 3, 4 e 5.

Orquestras sob a direção do compositor, solista Laís de Souza Brasil

Preço: R\$ 20,00

A Livraria Mário de Andrade tem grande diversidade de livros sobre música e sobre artes em geral, além de gravações e partituras.

Aguardamos sua visita, no andar térreo do Palácio Gustavo Capanema, à Rua da Imprensa n. 16 (metrô Cinelândia; esquina rua Araújo Porto Alegre com av. Graça Aranha).



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA

FUNARJ



Realização:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da Cultura

